

## 1

## LIÇÃO

**TEXTO BÍBLICO****DEUTERONÔMIO 17.14-20;  
1SAMUEL 1-10****TEXTO ÁUREO****1SAMUEL 8.7**

# ESCOLHENDO A FORMA DE GOVERNO

**» PRA COMEÇAR**

O tema abordado nesta lição refere-se à escolha da monarquia como sistema de governo implantado em Israel, em razão do descrédito do sistema teocrático regido pelos sacerdotes levitas. O conteúdo do presente estudo procede de duas vertentes. A primeira tem origem nas narrativas, contidas em 1Samuel 1-10 que descrevem o contexto no qual alguns fatores condicionaram a demanda pela escolha de um rei, cujo objetivo era libertar a nação da crise em que foi imersa, no âmbito social, político e religioso. A segunda consiste nas prescrições de Moisés, registradas em Deuteronômio 17.14-20, que estabelecem os critérios que deveriam ser adotados na escolha de um futuro monarca.

# » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

## OS PRIMÓRDIOS DA MONARQUIA

A origem de Israel como nação tem base na aliança firmada por Deus com o patriarca Abraão (Gn 12.1-3). Os hebreus seriam a matriz da qual “nações” e “reis” haveriam de ter procedência (Gn 17.6). Cinco etapas foram cumpridas na organização da nação israelita: (1) a libertação do cativo egípcio; (2) a posse de Canaã como a pátria prometida por Deus; (3) a organização demográfica do povo numa confederação de 12 tribos; (4) uma legislação composta do *decálogo* (Ex 20.1-17; Dt 5.1-22), um *código civil* (Ex 21-24) e um *código litúrgico* (Ex 25-31), lavrados em livro; (5) a instituição da teocracia como sistema de governo.

Em seu discurso profético, lavrado em Deuterônimo 17.14-20, Moisés definiu as diretrizes e os critérios a serem adotados no estabelecimento de uma futura monarquia. Ocorrendo a demanda, o escolhido como rei deveria ter linhagem israelita (v. 14, 15). O rei estaria submetido a algumas obrigações: (1) submeter sua vida e sua autoridade aos ditames da lei divina (v. 16, 17); (2) ter em mãos uma cópia do livro da lei, ao assentar-se no trono (v. 18); (3) meditar diariamente nas Escrituras, para preservação de sua integridade moral e espiritual (v. 19, 20).

## A CRISE VIVENCIADA POR ISRAEL

Após a morte de Josué, a nação ficou sem comando e, por falta do conhecimento

de Deus (Jz 2.10), a apostasia eclodiu em Israel. Em punição pelo pecado, Deus entregou Israel ao poder de nações opressoras (Jz 3.7, 8; 4.1, 2; 6.1; 10.6, 7; 13.1). O juízo divino foi aplicado como medida disciplinar. Isto ocorreu, sucessivamente, culminando na demanda por um rei que garantisse segurança, autonomia e prosperidade para a nação. Para isso, Deus suscitou Samuel como profeta. Consagrado, desde o ventre de sua mãe, ele foi entregue aos cuidados do sacerdote Eli (1Sm 1.1-28).

Sua ascendência como profeta ocorreu durante seu processo de maturação (1Sm 3.19, 20), vivenciando a crise nacional. A imoralidade praticada pelos filhos de Eli, Hofni e Fineias, foi motivo de escândalo nacional que pôs o sacerdócio em descrédito (1Sm 2.13-17). Eles não revelavam ter conhecimento do Senhor. Segundo o registro bíblico, eles foram identificados como “filhos de Belial”<sup>1</sup> (1Sm 2.12). Este era o perfil de homens destituídos de qualquer pudor, extremamente depravados (Dt 13.13; Jz 19.22; 1Sm 25.25; Pv 16.27). Isto fez extrapolar os limites da tolerância divina e, por esta razão, o julgamento de Eli e seus filhos foi comunicado por meio de uma mensagem profética. Um “homem de Deus”, cujo nome não é mencionado, apareceu em Siló e fez o pronunciamento detalhado do veredicto de Deus sobre Eli e a sua família (1Sm 2.27-36).

<sup>1</sup> Em hebraico, *Belial* significa literalmente “imprestável”, “ímpio”.

Este fato retrata Israel como uma nação dominada pela anarquia, pois *“Naquela época, não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia certo”* (Jz 17.6; 21.25). A lei de Moisés era ignorada pelo povo. Isto gerou uma situação caótica, caracterizada pela falta de um líder temente a Deus, pois *“Naqueles dias a palavra do SENHOR era muito rara, e as visões não eram frequentes”* (1Sm 3.1).

A confederação tribal não dispunha de uma capital, onde o comando da nação estivesse centralizado. A fragmentação do exército israelita expunha a nação ao risco de ser conquistada por invasores. Numa batalha contra os filisteus, Israel sucumbiu. Após a derrota, o povo investiu em novo combate, levando a arca da aliança como um talismã, supondo que poderiam comprometer Deus a intervir na guerra a favor deles (1Sm 4.2-4). Ao contrário do que esperavam, foram derrotados e a arca foi capturada pelos filisteus (1Sm 4.11).

Grande quebrantamento eclodiu na nação. O povo rogou a Samuel que levantasse um clamor a Deus. Um solene arrependimento agraciou Israel quando Samuel buscou a intervenção de Deus, sacrificando um cordeiro (1Sm 7.5-9). Naquele mesmo dia, *“o SENHOR tremeu com grande estrondo sobre os filisteus, e os destruiu, de modo que foram derrotados pelos israelitas”* (1Sm 7.10). Aterrorizados, os filisteus devolveram a Israel a arca da aliança (1Sm 7.13-17). Isto fez a nação inteira submeter-se a Samuel, atribuindo crédito ao ofício de profeta que ele exercia. Investido da autoridade que Deus lhe outorgara, Samuel governou a nação até a época em que Saul foi escolhido como regente militar.

## A DEMANDA POR UM REI

O ânimo do povo foi recobrado. Então, Samuel, em virtude de sua idade muito avançada, empossou seus filhos como juizes. Mas, lamentavelmente, a improbidade moral deles, durante o exercício do mandato, tornou-se evidente e censurável, pois *“seus filhos não andaram nos caminhos dele, mas se tornaram gananciosos; recebiam suborno e pervertiam a justiça”* (1Sm 8.3). Os conflitos militares não haviam terminado e o temor suscitado pela gravidade da situação excitou os israelitas à demanda por um rei, dizendo a Samuel: *“Tu já estás velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos. Constitui-nos agora um rei para nos julgar, como o têm todas as nações”* (1Sm 8.5).

Então, Samuel orou a Deus (1Sm 8.6) e obteve como resposta divina um parecer favorável nos seguintes termos: *“Atende ao povo em tudo quanto te pedir, pois não é a ti que rejeita, mas a mim, para que eu não reine sobre ele”* (1Sm 8.7). Deus orientou Samuel a que fizesse uma exposição explícita das obrigações do povo e os direitos do rei e, assim, ele procedeu, mencionando os termos de responsabilidade que todos haveriam de assumir a serviço do rei (1Sm 8.9-18).

Samuel apresentou um quadro assombroso das conseqüências decorrentes do estabelecimento da monarquia. Por ordem do rei, jovens de ambos os sexos seriam recrutados e designados para diversos trabalhos (v. 12-13). Haveria confisco de propriedades e produção agrícola (v. 14). Pesados impostos fariam dos produtores escravos do rei (v. 17). Isto mostra que o risco de uma tirania era evidente, mas os líderes estavam dominados pelo almejo

exacerbado de enquadrar Israel no padrão modelado pelas nações estrangeiras (1Sm 8.20). Todos acreditavam que o rei poderia garantir-lhes a segurança, a estabilidade e o sucesso. Obstinos e insistentes, aceitaram o que lhes foi proposto por Samuel (1Sm 8.19, 20).

Então, sob a direção divina, foi iniciada a busca do homem adequado e o jovem Saul foi escolhido. Ele era um homem, cuja aparência física retratava a virilidade impressionante do líder desejado pelo povo. Era o másculo de maior estatura e

o mais belo de todos os homens, dentre os filhos de Israel (1Sm 9.2). Uma vez que qualquer ofício só poderia ser exercido por delegação da autoridade divina, Saul recebeu de Samuel a unção com óleo (1Sm 10.1). A cerimônia de posse ocorreu em solenidade pública, oficializada por Samuel, ao apresentá-lo ao povo que o aclamou como rei: “*Aqui está aquele a quem o SENHOR escolheu; não há entre o povo ninguém que se compare a ele. Então todo o povo o aclamou, dizendo: Viva o rei*” (1Sm 10.24).

## » A LIÇÃO EM FOCO

O conteúdo apresentado neste estudo teve como foco principal a escolha do sistema de governo que Deus, em resposta à demanda do seu povo, instalou em Israel, por intermédio do profeta Samuel. Duas lições estão evidentes neste estudo. Primeira, Deus é soberano; ele rege a nossa história, conduzindo os fatos ao cumprimento dos seus desígnios. Ele conhece os intentos de cada pessoa, povo e nação; frustra ou viabiliza seus planos e ações. Segunda, Deus suscita, habilita e usa pessoas como instrumentos na execução da obra para a qual são designados. Moisés e Samuel são exemplos de grande relevância.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

Cada um de nós é um integrante do povo de Deus que precisa enquadrar-se na missão divina. Submissão a Deus é o fator decisivo do êxito. Erramos quando optamos pelas nossas preferências em detrimento da vontade soberana de Deus. Não somos chamados por Deus para a glória de homens; tampouco, somos chamados por homens para a glória de Deus. Assim sendo, a glória do nosso ministério não está naquilo que fazemos com a participação de Deus, mas naquilo que Deus faz com a nossa participação.

**TEXTO BÍBLICO**

1SAMUEL 11-31

**TEXTO ÁUREO**

1SAMUEL 13.14

# O REINO UNIDO

## SAUL

### » PRA COMEÇAR

O tema desta lição aborda a primeira parte do estudo sobre o reino unido de Israel, cujo conteúdo está fracionado em três segmentos concernentes aos reinados respectivos de Saul, Davi e Salomão. Nesta primeira seção, será feita uma exposição a respeito dos fatos que demarcaram a ascendência e a queda de Saul como rei de Israel. É preciso lembrar que a constituição do reino israelita, embora prevista por Moisés, conforme os registros de Deuteronômio 17.14-20, resultou de uma ação coercitiva dos obstinados líderes tribais que se postaram diante do profeta Samuel em demanda por um sistema de governo regido por um monarca (1Sm 8.5-7).

O eixo temático deste estudo emana da premissa de que, mesmo tendo sido designado por Deus e nomeado pelo profeta Samuel, o rei Saul cometeu atos que desabonaram sua idoneidade e o destituíram do mérito de exercer o mandato real. A exposição deste assunto está estruturada nos seguintes itens: o apoio do povo ao reinado de Saul (1Sm 11; 12); o fracasso de Saul durante o exercício do seu reinado (1Sm 13-15); o fim do reinado de Saul, tendo sido transferido a Davi (1Sm 16-31).

## » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

### O APOIO AO REINADO DE SAUL

Por designação divina, Saul foi ungido por Samuel e aclamado publicamente como rei (1Sm 10.1-27). Para ser habilitado ao exercício do mandato, Saul foi empoderado pelo Espírito do Senhor, sendo transformado em “*outro homem*” (1Sm 10.6-9). Investido da autoridade que lhe foi conferida, Saul haveria de ser reconhecido como o “*ungido do Senhor*” (1Sm 24.6) até o dia de sua morte (2Sm 1.16). Mesmo estando Samuel ainda ativo no exercício do poder judiciário, Saul se tornou o homem que espelhava o perfil do líder idealizado pelo povo. Sendo jovem ainda em processo de formação, ele se tornou um impetuoso guerreiro harmonizado com os padrões do militarismo característico dos juízes que Deus havia levantado no passado. Em consequência do êxito conquistado na batalha contra os amonitas, Saul foi reputado em elevada estima, sendo novamente aclamado como rei (1Sm 11.12-15).

Por esta razão, Samuel convocou um ajuntamento solene, em Gilgal, onde pronunciou um discurso, relembrando os atos poderosos de Deus em favor de Israel e que a demanda por um rei tinha sido um ato de rebeldia contra Deus (1Sm 12.1-12). Considerando a legitimidade do sistema teocrático, Samuel asseverou que a monarquia só poderia prevalecer se o rei e a nação seguissem os princípios que foram determinados por Deus.

A condição para que houvesse bonança foi determinada por Samuel: “*Se temerdes o SENHOR, e o servirdes, e atenderdes à sua voz, e não fordes rebeldes às suas ordens*” (1Sm 12.14). Caso contrário, disse ele: “*a mão do Senhor será contra vós*” (1Sm 12.14,15).

O discurso de Samuel impactou os seus ouvintes, despertando neles um sentimento de culpa tal que os levou a confessar a insensatez de ter exigido a nomeação de um rei. Movidos pelo remorso, clamaram a Samuel: “*Intercede pelos teus servos junto ao SENHOR, teu Deus, para que não morramos; porque acrescentamos este mal, de pedirmos para nós um rei [...]*” (1Sm 12.19). Em resposta, Samuel os exortou à fidelidade a Deus e afirmou com segurança que Deus, por amor ao seu próprio nome, jamais iria desamparar o povo que ele escolheu para si (1Sm 12.21, 22). Todos ficaram cientes de que a conquista da independência de Israel, por meio de Saul, estava condicionada ao temor e à obediência a Deus. Ainda mais, reconheceram a necessidade de estarem subordinados a Samuel como mediador perante Deus, em favor da nação e do rei Saul (1Sm 12.19-25).

### O FRACASSO DO REINADO DE SAUL

As narrativas que constam em 1Samuel 13-31 descrevem dois conflitos deflagrados por Saul, que resultaram em fracasso. Um ocorreu, no âmbito espiritual, quan-

do Saul se opôs ao profeta Samuel, cujo resultado foi a cassação do seu mandato como rei. O outro foi deflagrado contra os filisteus, nas frequentes batalhas que culminaram em sua morte. Este teve início quando o embargo de armas no território israelita havia sido forçado pelos filisteus que mantinham em segredo o uso do ferro na forjadura de armas e implementos militares (1Sm 13.19-22). Diante do poder esmagador do exército filisteu na região de Gilgal, a moral das tropas de Saul foi abatida, causando a deserção de muitos soldados. As tropas remanescentes decidiram entrar em batalha e, para tanto, optaram pela realização dos ritos religiosos prescritos na Lei de Moisés (Dt 20.1-20).

Ao ver o pânico tomar conta dos soldados, Saul aproveitou-se da ausência de Samuel para cometer um sacrilégio ao arrogar a si prerrogativas do sacerdócio, oferecendo holocausto e ofertas pacíficas como sacrifício em troca do favor de Deus (1Sm 13.9). Esta atitude fez que Saul ouvisse diretamente de Samuel o seu veredicto: *“Agiste loucamente; não obedeceste ao mandamento que o SENHOR, teu Deus, te ordenou. O SENHOR teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre; porém agora o teu reino não subsistirá [...]”* (1Sm 13.13, 14).

Esta não foi a única vez em que Saul, conscientemente, pecou por recusar a obedecer às determinações de Deus. Ao receber, por meio de Samuel, a ordem de exterminar os amalequitas e todos os rebanhos (1Sm 15.1-3), como prescreveu Moisés (Dt 25.17, 18), Saul transgrediu as ordens divinas, atribuindo culpa ao povo, por ter poupado não somente Agague (rei dos amalequitas), *“como também o*

*melhor das ovelhas, dos bois e dos animais gordos, os cordeiros e tudo o que era bom [...]”* (1Sm 15.1-9).

Ao derrotar os amalequitas, certamente o orgulho ensoberbecu Saul a ponto de erigir no Monte Carmelo um monumento para si próprio (1Sm 15.12). Esse comportamento foi motivo para Deus falar a Samuel: *“Arrependo-me de ter posto Saul como rei, pois deixou de me seguir e não executou as minhas palavras [...]”* (1Sm 15.11). Então, pela segunda vez, Samuel dirigiu-se a Saul para ratificar a sentença divina: *“Visto que rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou como rei”* (1Sm 15.23).

## O FIM DO REINADO DE SAUL

O texto de 1Samuel 15.24-35 registra que Saul tentou remediar a situação, por meio da confissão de sua culpa e do pedido de perdão que expressou a Samuel (1Sm 15.24, 25). Mas, a decisão tomada pelo profeta foi finalizar o caso, ratificando o juízo de Deus, nos seguintes termos: (1) não havia mais chance de perdão (v. 26); (2) Saul estava deposto do reinado e um substituto já havia sido designado por Deus (v. 27,28); (3) Samuel renegou Saul definitivamente (v. 34, 35). Por considerar Saul um caso encerrado, Deus o destituiu também da unção espiritual quando *“O Espírito do SENHOR se retirou de Saul, e um espírito mau da parte do SENHOR o atormentava”* (1Sm 16.14). Destituído do reinado, Saul persistiu no propósito de lutar contra todos que tentassem destituí-lo do comando.

Com a morte de Samuel, *“todo o Israel se ajuntou e chorou por ele”* (1Sm 25.1).

Israel perdeu o homem de maior influência que lutou pela preservação dos princípios teocráticos que induziam a nação ao temor e à obediência a Deus. A guerra contra os filisteus reacendera e Saul, apavorado, invocou o Senhor, mas foi inútil. Desesperado, recorreu a uma

necromante para evocar Samuel dentre os mortos; mas, tudo o que ouviu dizia respeito à morte dele e de seus filhos. Literalmente, isto aconteceu. Em campo de batalha, depois de ver seus filhos mortos, Saul deu cabo da própria vida (1Sm 31.3,4).

## » A LIÇÃO EM FOCO

A presente lição está centralizada no fato de que a ignorância a respeito da pessoa, dos planos e dos desígnios de Deus, foi a causa dos erros cometidos por Israel na tomada de decisões que culminaram em vergonhoso fracasso. A escolha de Saul como monarca não foi uma condescendência divina, mas uma medida corretiva para conscientizar a nação que Deus rege a história do seu povo, em cumprimento da sua aliança. Não são os planos e decisões humanas que conduzem os fatos ao cumprimento dos desígnios de Deus.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

À luz de tudo que foi exposto nesta lição, o desafio que nos é lançado consiste em adotarmos sempre a atitude de seguir as diretrizes divinas, em toda e qualquer circunstância da nossa vida, pois Deus é soberano, onisciente e onipotente. Deus não se submete às conveniências humanas, acatando ideias dos que arrogam a si a prerrogativa de decidir sobre seu próprio destino. Este erro é absurdo e pode induzir os crentes, movidos por fatores circunstanciais ameaçadores, a tomar decisões precipitadas que resultam em fracasso, tanto na vida espiritual como, também, nos empreendimentos humanos. Submissão e obediência são obrigações humanas preordenadas pelo nosso Criador.